

Uma marcha pela aposentadoria aos 25 anos

É como se eu tivesse arrumado tudo para uma viagem de férias e as malas tivessem sido roubadas.

Depois de 25 anos de trabalho com alunos da rede estadual de ensino, essa estranha sensação ainda persegue, diariamente, a diretora Nilda Balhes Caodaglio, da EEPG Camilo Peduti. O segundo substitutivo do relator Bernardo Cabral ignora uma das conquistas mais importantes do magistério brasileiro: a aposentadoria aos 25 anos de serviço. Se nada mudar no projeto, Nilda e mais milhares de professores da rede terão de abandonar a idéia do descanso merecido e trabalhar por mais alguns anos.

Para tentar mudar esse quadro, incluindo a aposentadoria aos 25 anos na nova Constituição, Nilda partiu ontem de São Paulo disposta a enfrentar as quase 17 horas de ônibus até Brasília. Com o mesmo objetivo, perto de dois mil professores, diretores e supervisores de ensino de todo o Estado fizeram o mesmo, nos 40 ônibus que partiram para a Capital. Hoje, às 9 horas, na rampa do Congresso Nacional, eles se encontram com as delegações dos outros Estados para começar um trabalho de pressão sobre os constituintes e lideranças partidárias.

A tarde, de volta à rampa do Congresso, fazem um ato público para pedir aos parlamentares que votem de acordo com suas reivindicações. As atividades fazem parte do Dia Nacional de Luta de Mobilização pela Educação na Constituinte. Na sexta-feira, o ato será aqui em São Paulo, na praça da República, às 16 horas. No mesmo horário, em Brasília, estarão sendo votadas as questões de Educação na Comissão de Sistematização.

Além da aposentadoria aos 25 anos de serviço para homens e mulheres, o magistério reivindica verbas públicas exclusivamente para as escolas públicas e mais verbas para a Educação, com a definição dos percentuais de 18% da União e 25% dos estados e municípios (hoje, pela Lei Calmon, são destinados 13% e 25%, respectivamente). Os professores querem, também, que estas verbas sejam gastas exclusivamente com Educação: maiores investimentos na pré-escola e primeiro grau, compra de novos equipamentos, investimento no material didático para os alunos, construção de novas escolas com bibliotecas e labo-

ratórios. O salário dos professores não está na pauta, porque, como ocorre com todo o funcionalismo, está ligado diretamente à arrecadação do ICM nos estados.

"A gente desconfia que haja articulação de governadores por trás disso", frisa João Antonio Felício, presidente da Apoeesp — Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado. "Até 1965 a aposentadoria era obtida aos 25 anos de serviço. Depois, ela caiu, voltando a vigorar em 1980. E a atual Constituição, que é militar, prevê a aposentadoria aos 25. Por que mudar isso para 30 para as mulheres e 35 para os homens?", questiona.

Ele criticou, também, a parte do texto que fala em concessão de verbas públicas para o ensino privado. "Eles falam em escolas confessionais, mas sabemos que isso é uma brecha para se conceder verbas públicas para o ensino privado como um todo, enquanto há na periferia inúmeras escolas carentes, onde faltam laboratórios, bibliotecas e até funcionários".

Empacotando a escola

A Escola Técnica Estadual de 2º Grau Carlos de Campos, no Brás — cujo prédio está em processo de tombamento pelo Condephaat —, é um exemplo disso. Para comemorar os 76 anos da escola, alunos e professores optaram por uma programação diferente: empacotar o prédio com retalhos de panos arrecadados entre os alunos. É uma maneira de chamar a atenção da Delegacia de Ensino e da Secretaria de Educação, além de fazer com que a imprensa divulgue os problemas da escola: goteiras, salas pequenas, falta de verbas e equipamentos...

"O laboratório fotográfico foi improvisado num banheiro", contou Jorge Copini, professor de Desenho de Comunicação, um dos cursos oferecidos pela escola. A escola possui 106 professores para os 1.500 alunos matriculados nos cursos de Edificações, Enfermagem, Nutrição, Decoração e Desenho Industrial. Com camisetas pedindo SOS Cáca, como chamam a escola, os alunos foram até a Secretaria de Educação e convidaram o secretário, Chopin Tavares de Lima, para a semana de comemoração do aniversário. "Para ele ver que nós não somos embrulhões como eles", frisou uma das alunas. "Eles prometeram melhorias mas a escola está-se acabando. Isso não pode acontecer".

Rita de Biagio